



ENTREVISTA COM MAÍRA INÊS VENDRAME

CONCEDIDA A JULIANA MARIA MANFIO*

São Leopoldo, 27 de novembro de 2017.

Maíra Vendrame é professora do Programa de Pós-Graduação em História e do Curso de História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Possui graduação em História Licenciatura Plena pelo Centro Universitário Franciscano (2004). Mestre pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2007). Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com estágio de doutorado na Università degli Studi di Genova (2013). Realizou estágio pós-doutoral como bolsista PNPd/Capes no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (2013-2015). Autora de dois livros: "O poder na aldeia: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre camponeses italianos (Brasil-Itália), Editora OIKOS, 2016; e "Lá éramos servos, aqui somos senhores: a organização dos imigrantes italianos na ex-Colônia Silveira Martins (1878-1914)", pela editora da UFSM, 2007, e de diversos artigos sobre a imigração italiana no Brasil Meridional. Vencedora da 4ª Edição do prêmio Vanni Blengino, Itália, 2015 (premição internacional) com o texto: "Ofensas, reparações e controle comunitário: a justiça dos imigrantes italianos nos núcleos coloniais do sul do Brasil". Em 2015, recebeu o prêmio ANPUH-RS de teses. Desenvolve pesquisa nos seguintes temas: redes sociais e estratégias migratórias, trajetória, família, honra, práticas de justiça, criminalidade, mulheres, universo camponês, organização comunitária, religiosidade e cultura popular.

* A entrevistadora é doutoranda em História na UNISINOS, bolsista CAPES/PROSUC e, faz parte do Conselho Editorial da RLAH, desde 2016.



Entrevista

A entrevista, gentilmente concedida, foi dividida em cinco eixos temáticos. O primeiro refere-se a biografia e a trajetória acadêmica; o segundo está relacionado a experiência docente; o terceiro eixo faz referência aos projetos de pesquisas desenvolvidos na instituição; o quarto eixo temático está relacionado aos 30 anos do PPGH e, por fim, os desafios e perspectivas para o PPGH da UNISINOS.

1. Professora Maíra, fale um pouco de você e de sua trajetória acadêmica.

Quando sou indagada a respeito de minha trajetória acadêmica logo me vem à mente as dúvidas que foi esse percurso. Comecei o curso de história, em 2001, no Centro Universitário Franciscano, na cidade de Santa Maria, com muitas incertezas. A única convicção que eu tinha era sobre aquilo que eu não queria para minha vida: casamento, família, filhos e dedicação total às atividades domésticas e ao trabalho agrícola, tal como vive minha mãe. Morei até os dezoito anos numa pequena comunidade rural, onde o trabalho, a disciplina e os encontros nos finais de semana para a Missa dominical marcavam o cotidiano das famílias. Manifestar o desejo de querer estudar e se esforçar para isso era uma maneira de mostrar outras vontades, como a de fugir do controle familiar e comunitário. Meus pais, agricultores, apesar de desejarem que os filhos seguissem a profissão deles, não deixaram de me apoiar quando, então, decidi prestar vestibular. Escolhi cursar história porque era a única disciplina que, no colégio, eu podia me orgulhar do resultado nas provas, pois as notas nunca foram baixas. Além disso, gostava muito de ouvir histórias sobre as experiências das pessoas e colecionar objetos antigos. Foi por conta disso que comecei a pensar que deveria fazer história.

A graduação em história foi um período marcado por algumas pequenas conquistas e novas experiências, no entanto, os objetivos ainda não eram muito claros. Uma das únicas certezas era que eu gostava de história e estava apaixonada pelo curso, porém, algo me afligia: não queria ser professora. A pesquisa, desde cedo, despertou o meu interesse no curso, pois muitas das coisas que eu estudava me levavam a pensar nas percepções e crenças vivenciadas na minha comunidade de origem. Como disse, aos 18 anos saí do lugar onde residia com meus pais para iniciar o curso de história. O afastamento do povoado rural formado, na maior parte, por famílias de descendentes de imigrantes italianos não garantiu que o lugar saísse de mim.



Entrevista

Nesse sentido, as crenças, os costumes, os modos de estar no mundo e se comportar, partilhados na minha comunidade de origem, se não tão presentes no meu novo cotidiano universitário, voltou a fazer parte de minha vida ao tomá-los como objeto das minhas primeiras investigações históricas. Comecei a ler sobre as sociedades fundadas pelos imigrantes nas regiões de colonização italiana no Rio Grande do Sul, e, quanto mais me aprofundava nas leituras, mais percebia que existiam muitas lacunas nos estudos. Passei a questionar o fato de, nos núcleos colônias, a população não ser assim tão pacífica ou homogênea como aparecia na historiografia clássica sobre a imigração italiana. Enquanto integrante e antiga moradora de uma localidade de descendentes de imigrantes italianos, eu sabia que havia um discurso que indicava um ideal de fé, religiosidade, harmonia, isolamento. Porém, não era isso que se identificava totalmente no cotidiano daquela população.

O mestrado e o doutorado vieram logo depois da conclusão do curso de história, sendo ambos realizados na PUCRS, em Porto Alegre, sob a orientação da professora Núncia Santoro de Constantino (*in memoriam*). Tive o privilégio de sempre ter conseguido bolsa, o que propiciou que me dedicasse integralmente à pesquisa e aos estudos durante os dois anos de mestrado e os quatro do doutorado. Foi uma fase tensa, muitas vezes bem difícil, porém tive muitos momentos de felicidade. Apesar das angústias e incertezas profissionais, havia alcançado a independência financeira. Procurei dar o meu máximo durante o mestrado, pois entendia que apenas com esforço poderia alcançar mais. Acreditava que oportunidades poderiam se abrir se o resultado dos trabalhos produzidos fosse bem recebido pelos professores. Frente a não aprovação em algumas seleções para professor substituto, a saída foi continuar na pesquisa e conseguir sobreviver na condição de bolsista por mais algum tempo. Com a aprovação na seleção do doutorado na PUCRS, em 2009, iniciou-se uma das fases que mais sinto saudades: a estada de nove meses no Rio de Janeiro, onde cursei três disciplinas na UFRJ e uma na UFF; as pesquisas no Arquivo Nacional; as corridas na praia de Copacabana e na lagoa Rodrigo de Freitas no final da tarde, as dores na lombar por passar tardes e noites sentada em uma cadeira inadequada e as lembranças dos dias ensolarados em que eu ficava quase sempre estudando no apartamento meio escuro. A vida de uma estudante bolsista não era fácil, as limitações econômicas e as demandas acadêmicas não me permitiam aproveitar as muitas coisas que a cidade maravilhosa oferecia. O retorno para Porto Alegre e o estágio de pesquisa (doutorado sanduíche) de quatro meses na Itália marcaram os outros três anos de



Entrevista

doutorado. Em todas essas etapas da vida acadêmica, tive alguém que sempre esteve do meu lado, dividindo comigo todas as angústias, descobertas e momentos felizes, portanto, devo muito ao meu companheiro de luta e estrada.

2. A UNISINOS é a sua primeira experiência docente? Conte-nos como foi sua inserção.

Logo após concluir o doutorado, em março de 2013, o grande desafio era ter experiência docente para poder me habilitar a fazer um concurso para professor efetivo. Minha trajetória acadêmica, até aquele momento, estava ligada totalmente à pesquisa e à produção de conhecimento histórico. A possibilidade de conseguir uma nova modalidade de bolsa, agora de pós-doutorado, poderia auxiliar a dar prosseguimento às pesquisas, mas, também, propiciar experiência docente. Entre o final de 2013 e metade de 2015, atuei como professora colaboradora no Programa de Pós-graduação em história na Universidade Federal de Santa Maria. Minhas primeiras experiências como docente no ensino superior iniciaram neste momento. Além de atividades de ensino na graduação e pós-graduação, pude realizar outros projetos, graças ao apoio e colaboração dos professores do referido programa. Muitos deles haviam sido meus professores na graduação, o que me deixou feliz. Entendo que o estágio de pós-doutorado na UFSM foi imprescindível para que, na sequência, eu fosse aprovada no processo seletivo para professor assistente no PPGH da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Apesar de conhecer o trabalho desenvolvido pelos professores de História da Unisinos e ter participado da seleção de doutorado, nunca tive esperança de, um dia, me tornar docente na referida instituição. Quando soube do processo para seleção de professores, passei então a pensar nessa possibilidade. Sem muito acreditar numa possível aprovação, me inscrevi e participei de todas as etapas. É impossível esquecer o incentivo recebido de alguns colegas da UFSM quando eu mesmo não acreditava que poderia chegar até o final. Entendo que a persistência e a confiança, que eu não tinha, mas que fui adquirindo, foram fundamentais para que eu conseguisse me tornar uma professora universitária. Novos desafios se impuseram quando da aprovação, e junto com eles o medo de não conseguir dar conta de tudo, já que muitas coisas eram novas para mim.



Entrevista

3. Dialogaremos agora sobre a linha de pesquisa que você está inserida no PPGH, “Migrações, territórios e grupos étnicos” e os grupos de pesquisa que a professora faz parte.

A linha de pesquisa que faço parte está com vários projetos de ensino e pesquisa em parceria com professores de universidades argentinas e italianas. Os integrantes da linha têm trabalhado também para a fundação de um Centro de Estudos Internacionais: deslocamentos, mobilidades e diáspora, que coloca à disposição espaço físico e materiais permanentes – como mesa, cadeiras, estantes, computadores e livros – pertencentes a dois antigos núcleos de pesquisas: Núcleo de Estudos Luso-brasileiro e Núcleo de Estudo Teuto-brasileiro. O referido espaço já é ocupado pelos alunos bolsistas dos professores que compõem a linha de pesquisa Migrações, territórios e grupos étnicos. A concretização dos projetos de internacionalização da linha e dos professores vai passar pela utilização do mencionado espaço, não apenas para realização de encontros com os alunos e aulas com professores convidados, mas também para garantir visibilidade das pesquisas sobre os deslocamentos transnacionais, as mobilidades internas e as diásporas na América do Sul e no Brasil meridional.

4. Como é estar aqui nos 30 anos do PPGH ou o que isso representa para a formação de profissionais em História?

É um privilégio. O PPGH da Unisinos tem toda uma história voltada para os estudos latino-americanos, tendo contribuído para o avanço das pesquisas nos mais diversos temas ligados a essa área de conhecimento. Muitas pesquisas ali feitas me ajudaram a pensar a minha própria enquanto aluna de graduação, mestrado e doutorado. Se hoje é possível essa comemoração foi graças ao empenho e à dedicação dos professores que possuem uma trajetória de mais de 20 anos ligada ao programa. Sinto-me muito honrada e privilegiada de poder trabalhar ao lado de profissionais tão dedicados aos seus alunos e temas de pesquisas. Nesses dois anos que me encontro no PPGH, posso dizer que apreendi muito com todos: colegas, secretárias e alunos. Certamente, continuarei aprendendo no decorrer da minha trajetória neste Programa.



Entrevista

5. Quais são os desafios para os próximos anos? Quais os teus objetivos dentro do programa, qual seria o teu desejo para os próximos anos dentro do PPGH?

Acredito que o principal objetivo é o de conseguir dar continuidade aos trabalhos coletivos que já vem sendo desenvolvidos. Especificamente falando, e ligado aos meus projetos de pesquisas, quero ajudar o PPGH a continuar a ser referência em nível regional e nacional, bem como possa ampliar os diálogos com professores de universidades estrangeiras, especialmente com pesquisadores italianos que se dedicam a estudar as mobilidades e as conexões entre América Latina e Europa mediterrânea nos séculos XIX e XX. Propiciar oportunidades para que alunos do PPGH possam realizar pesquisas no exterior e ter contato com uma bibliografia estrangeira sobre o tema dos deslocamentos, das práticas de justiça e violência e das sociedades camponesas. Ter como objetivo uma maior internacionalização é algo que vem sendo trabalho pelos professores do programa. Portanto, o que se busca é intensificar as atividades nesse sentido, permitindo, cada vez mais, uma maior ampliação das experiências de ensino e pesquisa em outras universidades do país e no exterior.